

Lídia Fernandes
Jorge Nuno Silva

O Tabuleiro de Jogo
do Alquerque dos Nove
no Templo Romano de Évora



Lídia Fernandes: licenciada em História - variante Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e mestre em História de Arte, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Arqueóloga da Câmara Municipal de Lisboa e Coordenadora do Museu do Teatro Romano, tem desenvolvido vários trabalhos sobre a temática dos tabuleiros de jogo gravados em pedra em território nacional. As principais áreas de investigação têm sido a arquitectura e estudo da decoração arquitectónica de época romana.

Jorge Nuno Silva é doutorado em Matemática por Berkeley e professor do Departamento de História e Filosofia das Ciências da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. É um dos fundadores e presidente da Associação Ludus (<http://ludicum.org>), organização vocacionada para a promoção dos aspectos culturais e recreativos da Matemática. É director do *Jornal de Mathematica Elementar*, jornal mensal da Sociedade Portuguesa de Matemática. Jorge Nuno Silva é casado com a Galina e pai da Laura e do Manuel.

No âmbito do Projecto *História dos Jogos em Portugal*
FCT PTDC/HCT/70823/2006

© Apenas Livros Lda.
Lídia Fernandes e Jorge Nuno Silva

Al. Linhas de Torres, 97, 3º dto.
1750-140 Lisboa
Tel./fax 21 758 22 85
apenaslivros2@gmail.com

Depósito legal n.º 348323/12
ISBN: 978-989-618-386-8

1ª edição de 250 exemplares
Setembro de 2012
Publicação n.º 509

Colecção BISCA LAMBIDA, 17
• série «jogos de tabuleiro» •

Dirigida por Fernanda Frazão
fernandarbfrazao@gmail.com

www.apenas-livros.com

O TABULEIRO DE JOGO DO ALQUERQUE DOS NOVE NO TEMPLO ROMANO DE ÉVORA

*Lídia Fernandes
Jorge Nuno Silva*

Introdução

O presente trabalho pretende divulgar a existência de um tabuleiro de jogo gravado numa pedra que se encontra no *podium* do templo romano na cidade de Évora, no Sul de Portugal. Tivemos oportunidade de apresentar estas considerações no XIV *Colloquium of Board Game Studies* que se realizou em Maio de 2011 em Bruges.

Apesar de este jogo já ser conhecido, tendo sido publicado pela primeira vez em 1986 por Salete da Ponte e referenciado posteriormente por alguns autores, nunca existiu um estudo pormenorizado deste tabuleiro. Importa referir, aliás, que a primeira menção se limitou a uma breve nota de rodapé que apenas refere o seguinte: «tabuleiro gravado numa das pedras graníticas do templo, do lado esquerdo da frontaria... (p. 140, n. 30)».

A outra referência, ainda que mais extensa, a este jogo, é apresentada num trabalho dedicado às tradições lúdicas do Alentejo, onde o autor, depois de apresentar alguns tabuleiros de jogos daquela região, menciona o do templo de Évora, colocando a hipótese de se tratar de uma gravação de carácter exclusivamente simbólico (Carolino, 1994, pp. 91 e 92, Figs. 16 e 17¹), interpretação que se prende com o facto de o mesmo jogo se encontrar em posição vertical, não sendo, assim, passível de ser jogado.

Em 2004, tivemos oportunidade de apresentar novamente este exemplar, integrado na exposição que se realizou no departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Universi-

dade de Lisboa, tendo sido publicado no catálogo da referida exposição (Carreira, Alberto, Fernandes, 2004, p. 12).

O facto de voltarmos a este tema prende-se com a enorme dificuldade em enquadrar cronologicamente o jogo do alquerque dos nove e à circunstância de, possivelmente, o tabuleiro de jogo patente no templo romano de Évora corresponder a uma das provas mais credíveis de se lhe poder atribuir uma cronologia recuada de época romana.

1 - Outros jogos de tabuleiro na cidade de Évora

Não podemos deixar de mencionar outros tabuleiros de jogo também registados na cidade de Évora.

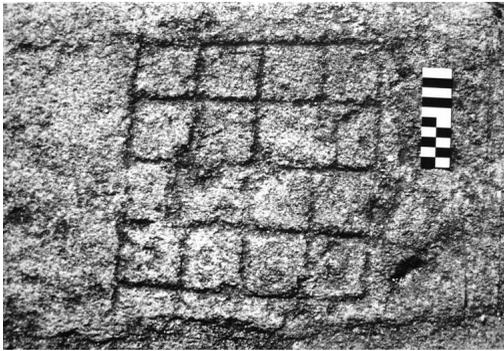


Fig. 1 - Jogo de tabuleiro gravado no patamar de entrada da Igreja de Nossa Senhora da Graça.

Um destes exemplares corresponde ao jogo do alquerque dos doze e encontra-se gravado na entrada da Igreja de Nossa Senhora da Graça (Fig. 1). Esta igreja é muito antiga, tendo sido reconstruída entre 1524-29, em época de D. João III, segundo o traço de Miguel de Arruda. A sua

fachada de granito é original pelo jogo de volumes, sendo de realçar a integração da janela central no frontão e as quatro figuras, de grandes dimensões, que suportam globos, que se encontram sentadas sobre pilastras.

- 4 O jogo existente nesta igreja localiza-se na escadaria frontal. Trata-se de um quadrado gravado no solo, que identificamos como sendo o tabuleiro do alquerque dos doze, correspondendo a um quadrado². É composto por seis linhas no seu interior que

se cruzam perpendicularmente, três a três. Os sulcos são profundos e rectos, o que poderá, eventualmente, indicar o recurso a alguma régua para a sua execução. Quanto à sua cronologia, é impossível determinar quando esta base de jogo foi realizada, podendo ser contemporânea da edificação da Igreja de Nossa Senhora da Graça ou posterior, hipótese para a qual nos inclinamos.

Outros dois tabuleiros de jogo registam-se na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, concretamente, em dois bancos pétreos de xisto, situados em dois dos lados de uma pequena sala, ao lado da entrada principal da igreja. Actualmente, funciona neste local o grupo *Eborae Musica*.

A base de jogo do lado esquerdo é muito pequena (Fig. 2), devido ao facto de apenas se conservar uma reduzida parte do mesmo. Apenas se observam dois traços perpendiculares que descrevem um ângulo recto que delimitariam o tabuleiro de jogo. Os restantes traços evidenciam a divisão interna original, apenas persistindo quatro traços oblíquos e dois traços rectos cortados pelos anteriores (Figs. 3 e 4). A base de jogo do lado direito (Fig. 5) apresenta conservada uma maior superfície, observando-se, da mesma forma, dois traços definidores do limite do tabuleiro. Aqui, no entanto, é possível observar vários traços, perpendiculares entre si, e outros, oblíquos, que os cruzam (Figs. 6 e 7).

Estas pedras correspondem a um reaproveitamento, ainda que se possa colocar a questão de os tabuleiros terem sido intencionalmente gravados nestes bancos para aí serem jogados. Actualmente ambas se encontram partidas pelo que é difícil assegurar se se trata de um reaproveitamento ou não. Nas obras de melhoramento que recentemente ocorreram no local, o seu limite exterior foi preenchido com cimento para colmatar as irregularidades. Apesar de estes tabuleiros se encontrarem muito incompletos, é possível interpretar os poucos traços que restam como pertencendo ao jogo do alquerque dos doze.

É impossível determinar uma cronologia. A pequena sala onde se encontram os tabuleiros de jogo é contígua à igreja, ainda que desconhecamos a sua funcionalidade original no convento. Os bancos laterais – encaixados na parede – são preexistentes

à remodelação que sofreram recentemente quando cimentaram as pedras que os revestem, tratando-se, assim sendo, de elementos reaproveitados³.

Numa pequena rua da cidade, concretamente, na Travessa do Sertório (em frente ao nº 3), regista-se um outro tabuleiro de jogo⁴, situado num passadiço sobrelevado à rua que conduz a uma caixa de água que integra o grande aqueduto da cidade de Évora⁵ (Fig. 8). Trata-se de um tabuleiro de jogo marcado com pequenas depressões, dispostas em cinco linhas, cada uma com cinco covinhas num total de vinte e cinco (Fig. 9). Apesar da superfície da pedra de granito se encontrar muito erodida, é possível identificar o jogo do alquerque dos doze, substituindo as pequenas covas circulares as intersecções dos tradicionais traços. Quanto à cronologia, é impossível determinar quando este tabuleiro foi gravado.

Fora da cidade, mas nas suas imediações, foram registados outros dois tabuleiros. Trata-se de gravações que se encontram num afloramento rochoso localizado perto do Moinho do Pinheiro, na ribeira de Valverde. Neste penedo de granito encontram-se gravados dois jogos distintos⁶ (Figs. 10 e 11).

O jogo de maiores dimensões corresponde ao jogo do alquerque dos doze⁷. Adota a forma sensivelmente de um quadrado, onde se encontram marcadas três linhas, cruzadas perpendicularmente por outras três, definindo quatro casas de cada lado, num total de dezasseis. Um aspecto curioso é que num dos lados deste quadrado existe mais uma linha a todo o comprimento do tabuleiro, possuindo um traço perpendicular a meio a dividi-lo. Descobrimos qual a razão desta marcação, podendo corresponder a um erro na realização do tabuleiro ou, em outra hipótese, um local fisicamente definido para cada jogador colocar as suas peças.

O jogo de menores dimensões corresponde ao jogo dos três em linha, sendo uma gravação muito simples traduzida por um quadrado subdividido no seu interior por duas linhas perpendiculares e outras duas que as cruzam obliquamente.

6 A enorme *patine* que a pedra apresenta poderá indicar a sua antiguidade, ainda que não possamos esquecer que se trata de um afloramento que se encontra a céu aberto e, por tal razão,

sujeito às intempéries. Torna-se, pois, impossível determinar a data em que estas gravações foram realizadas. Não obstante, nas proximidades deste afloramento existe um moinho e pequenas construções rurais que poderão ser datadas, tipológica e funcionalmente, dos finais do séc. XIX ou dos inícios do séc. XX. Pode-se, assim, colocar a hipótese de estes tabuleiros terem sido realizados pelo proprietário do moinho ou por quem lá trabalhasse.

2 - O templo romano de Évora

Um dos vestígios mais emblemáticos da história do actual território nacional é o templo romano existente na cidade de Évora, na região sul de Portugal (Fig. 12). Em todas as histórias de Portugal e inventários do património português, esta edificação romana figura como um dos símbolos da antiguidade do território e da romanização desta região. Actualmente, o templo situa-se no centro de um grande largo, designado por Praça Marquês de Marialva e assume uma posição alta em relação à cidade.

Durante muito tempo designado por templo de Diana, sabe-se hoje que se trata, na realidade, de um templo de culto ao imperador e que se integra numa linguagem arquitectónica e simbólica que, a partir do séc. I, passou a ser comum por todo o Império Romano.

A *pax romana*, instituída por Augusto a partir da conquista da Península Ibérica e de outras províncias romanas, inaugurou um período de paz que, sabiamente, terá tido um aproveitamento político largamente explorado. A edificação de templos religiosos de culto ao imperador e a eleição de um certo número de qualidades pessoais passam a ser aclamadas por todo o Império.

Ebora Liberalitas Iulia terá sido uma cidade criada por Júlio César ou por Augusto, tendo então sido-lhe atribuída a categoria de *municipium*. O termo *Ebora* deverá ser de origem celta, o que indica a existência de um povoado anterior à edificação da cidade da época romana.

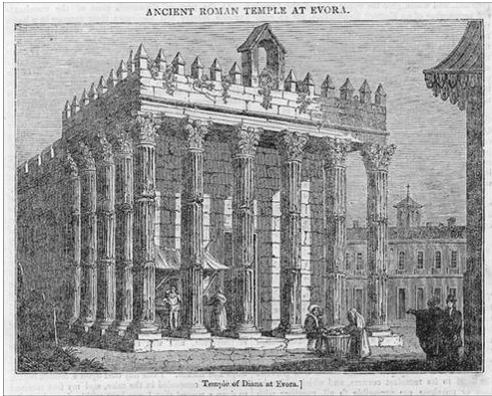


Fig. 13 – Gravura do templo de Évora do séc. XIX, publicado no *The Penny Magazine* de 6 de Junho de 1835.

A atribuição do estatuto romano a uma cidade implicava, paralelamente à sua nova designação e integração no Império Romano, um conjunto de poderes administrativos e económicos e justificava a edificação de novos edifícios que atestassem o seu novo papel e importância. Na cidade subsistem alguns vestígios que atestam alguns dos

muitos monumentos que então terão embelezado esta cidade. A muralha, extremamente bem conservada, ainda que atribuível ao séc. IV d.C. numa altura em que genericamente as cidades peninsulares registam a construção de muralhas defensivas, é apenas um dos muitos vestígios que ainda se conservam.

Mas é o templo romano, que hoje se implanta na Praça Marquês de Marialva, que indiscutivelmente constitui o *ex libris* da cidade.

A história do monumento foi atribulada ao longo dos tempos. Embora desconhecamos quando o edifício foi abandonado, tê-lo-á sido ainda durante a época romana. A partir dos séculos IV e V, quando o império entra em crise económica e em perigo perante a invasão de outros povos, este edifício público terá sido abandonado ou destinado a outras funções que não a religiosa. Durante a Idade Média foi convertido em torreão ameado (Fig. 13). Mais tarde, durante a época moderna foi sede da Inquisição da Igreja Católica e, posteriormente, terá funcionado aqui um açougue.

Estas distintas funções alteraram o seu aspecto exterior. Tratando-se de um templo periptero, isto é, rodeado em todos os

seus lados por colunas, os espaços intercolunares foram, a partir de certa altura, fechados, alterando por completo o seu aspecto original. Finalmente, em 1870, o monumento sofreu obras de limpeza e de restauro que lhe restituíram, em grande medida, um aspecto mais próximo do que originariamente terá tido.

A partir de 1986 foram realizados os primeiros trabalhos de intervenção arqueológica no edifício e, entre 1989 e 1992, o Instituto Arqueológico Alemão conduziu os primeiros trabalhos no monumento, tendo sido realizados levantamentos pormenorizados dos alçados e plantas (Figs. 14 e 15).

Antigos vestígios, identificados no decurso de várias campanhas arqueológicas, permitem relacionar o templo com o *forum* romano e espaço envolvente, constituindo, esta, a área principal da cidade de então — o local mais importante da cidade nas suas vertentes social, política, económica e religiosa.

Deste *forum*, ou praça pública da cidade, conhecem-se hoje algumas das suas características urbanísticas e arquitectónicas: o templo consagrado ao culto imperial seria rodeado por um tanque formando espelho de água e por um pórtico em forma de U. Uma ampla praça estender-se-ia desde o templo até à zona sul, onde hoje se localiza o actual Museu de Évora e onde se situaria uma possível zona de criptopórtico. Para a construção do templo e da praça é apontada uma cronologia da primeira metade do século I d.C., com posterior remodelação já na segunda metade do mesmo século, momento em que se procede à colocação de lajes de mármore no pavimento da praça e na fachada do templo (Hauschild, 2001).

Durante as intervenções realizadas no edifício do actual Museu de Évora foi possível registar



Fig. 14 – Fotografia tirada durante os trabalhos arqueológicos realizados no templo romano de Évora entre 1989 e 1992 (HAUSCHILD, 1994, Tafel 30).

diversos elementos do *forum*, designadamente, testemunhos do seu último nível de pavimento; canalizações de drenagem da praça; e parte do seu limite com algumas estruturas associadas (Simão, Brazuna, 2010, p. 77).

O templo encontra-se em bom estado de conservação, sobretudo no que diz respeito ao *podium*, ou embasamento, local onde se localiza o tabuleiro de jogo que agora tratamos. O monumento mantém ainda dezasseis das 26 colunas que, originariamente possuía e conserva parte da arquitrave que se encontra assente por cima dos capitéis que igualmente preserva.

Uma das características mais importantes nos primeiros momentos construtivos de época romana identificados na Península Ibérica é o do emprego de pedra local e do respectivo revestimento de estuque. Este momento é também designado por «arquitectura militar», balizado cronologicamente entre o séc. I a.C. e a primeira metade do séc. I d.C. Um segundo momento construtivo observa-se a partir de meados do séc. I d.C. e é denominado «arquitectura do mármore» (ALVAREZ MARTÍNEZ, 1992, pp. 90 e 91)⁸. Esta evolução é bem identificada nos três templos peripteros de culto ao imperador melhor preservados na Hispânia: o de Évora, o de Mérida e o de Barcelona.

Em Mérida, capital da província da Lusitânia, onde se integrava a cidade de Évora, os fustes, bases e capitéis coríntios do templo de culto ao imperador são feito de pedra local e revestidos a estuque, sublinhando-se a exuberante ornamentação que ostentam os capitéis (*idem*, p. 91; Alvarez Martínez; Nogales Basarrate, 2004, pp. 293-319).

Também coríntios são os capitéis do templo de Barcelona, datados de entre 43 a 31 a. C. Capitéis e bases são feitos de pedra local depois estucada. No templo de Évora, no entanto, assinala-se a utilização do mármore nos capitéis e bases. Datados os templos de Mérida e de Barcelona da época do imperador Augusto, o monumento de Évora será algo mais tardio (HAUSCHILD, 1992, p. 114).

10

Assistimos, assim, a um encadeamento linear iniciado com os templos de Barcelona e de Mérida, que apresentam elementos arquitectónicos feitos de pedra local estucada, seguidos pelo tem-

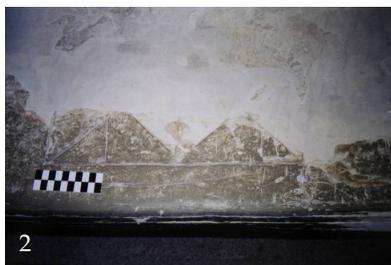


Fig. 2 – Jogo de tabuleiro gravado num banco em pedra, do lado esquerdo, numa pequena sala situada ao lado da entrada principal da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios

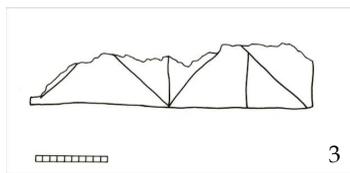


Fig. 3 – Desenho dos traços que se conservam do jogo de tabuleiro gravado

Fig. 4 – Reconstituição do tabuleiro de jogo

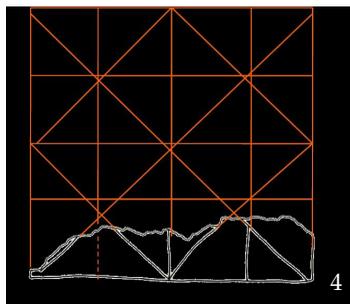


Fig. . 5 – Jogo de tabuleiro gravado num banco em pedra, do lado direito, numa pequena sala situada ao lado da entrada principal da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios

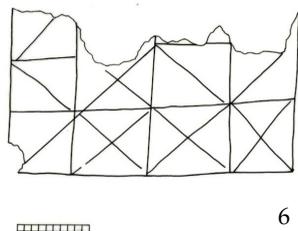
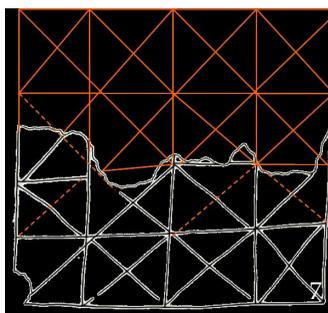


Fig. 6 – Desenho dos traços que se conservam do jogo de tabuleiro gravado

Fig. 7 – Reconstituição do tabuleiro de jogo



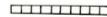
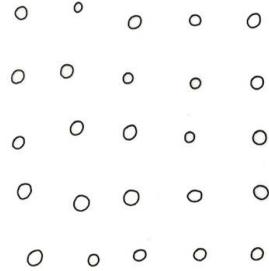


Fig. 8 (esq.) - Jogo de tabuleiro gravado numa caixa de água (pertencente ao aqueduto da cidade de Évora) existente na Travessa do Sertório

Fig. 9 (dir.) - Desenho do que se conserva do jogo de tabuleiro gravado na Travessa do Sertório



Fig. 10 - Dois tabuleiros de jogo gravados num afloramento rochoso localizado perto do Moinho do Pinheiro, na ribeira de Valverde, nas imediações da cidade de Évora

II

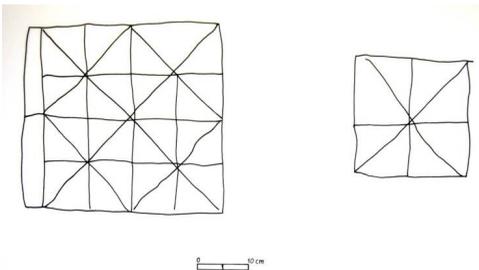


Fig. 11 - Desenho dos dois tabuleiros de jogo gravados no afloramento do Moinho do Pinheiro



Fig. 12 – *Perspectiva actual do templo romano de Évora, dedicado ao culto ao imperador*

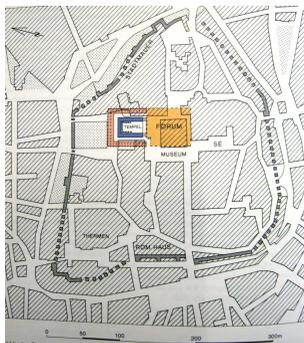


Fig. 15 – *Planta de reconstituição e localização do templo de Évora e outros edifícios envolventes (HAUSCHILD, 1994, Abb. 7)*

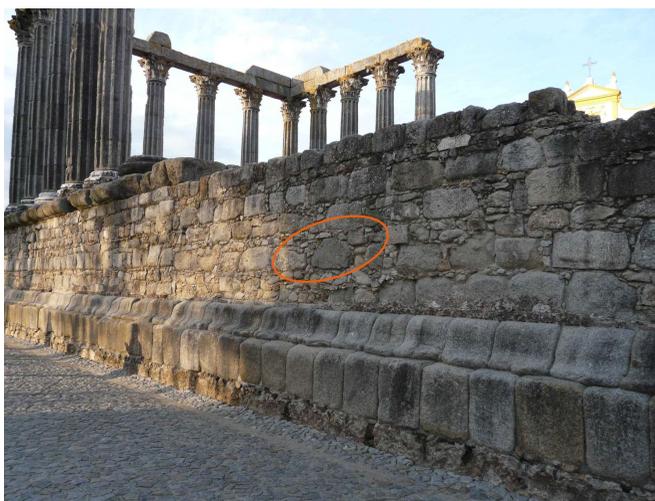


Fig. 16 – *Fachada poente do templo de Évora observando-se o embasamento do mesmo e onde se encontra assinalada a pedra com a gravação do tabuleiro de jogo*



Fig. 17 – Pormenor da pedra com a gravação do tabuleiro de jogo

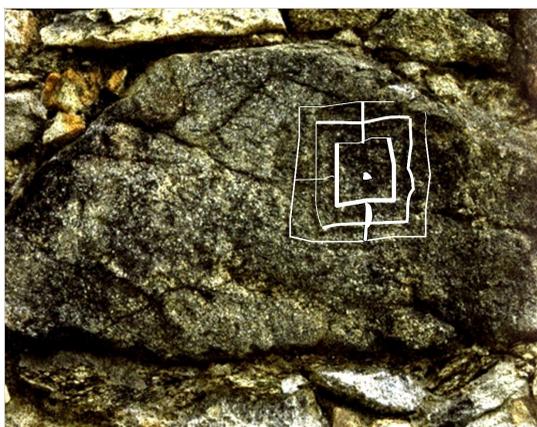


Fig. 18 – Desenho do tabuleiro de jogo



IV

Fig. 19 – Arquitrave de um pórtico da antiga cidade de Afrodísias, actualmente depositada no chão, onde se pode ver a gravação de dois tabuleiros de jogo (ROUECHÉ, 2007, pp. 100-105)

plo de Évora que emprega o mármore nos capitéis e bases, mas não nos fustes. Por fim, num terceiro momento, os edifícios romanos passam a empregar o mármore em todos os elementos, como acontece, por exemplo, na renovação da fachada cénica (*frons scaenae*) do teatro de Mérida, da época de Cláudio.

A marmorização, processo que se inicia em Roma com Augusto, passa a constituir uma moda e um modelo que se espalha por todo o Império. O templo de Évora constitui, assim, um exemplo precoce do emprego deste novo material no extremo ocidental do Império. Este contexto histórico é importante para se conseguir posicionar cronologicamente o templo de Évora e, desse modo, conseguir, pertinentemente, atribuir uma cronologia ao tabuleiro de jogo que se encontra gravado numa das pedras do *podium*.

O tabuleiro de jogo que agora nos ocupa encontra-se gravado numa pedra do *podium* construído em «*opus incertum*», empregando, pois, vários tipos de pedras facetadas, mas não esquadriadas (Fig. 16). Os interstícios entre as pedras de maiores dimensões são preenchidos por pequenas pedras não facetadas. Todo o embasamento, exceptuando a moldura de granito que o delimita inferior e superiormente, seria originalmente estucado. Significa isto que a pedra onde se encontra o tabuleiro de jogo não ficaria visível quando a obra de construção do monumento finalizasse. Este facto explica, também, a razão pela qual não haveria qualquer razão para esconder a gravação do jogo aquando da colocação da pedra no monumento.

3 - Análise descritiva do tabuleiro

Trata-se de uma gravação feita numa pedra de granito. A pedra é de formato irregular, com uma dimensão de 680 x 380 mm (respectivamente comprimento e altura), enquanto a base de jogo corresponde a um quadrado com 190 mm de lado (Fig. 17).

Infelizmente, pouco se pode dizer do tipo de gravação em causa, pois o estado de conservação é muito deficiente, apenas se distinguindo dois quadrados inscritos num outro maior. Actual-

mente, dificilmente se consegue observar com clareza o jogo de tabuleiro, devido ao acentuado desgaste e erosão do elemento pétreo. No entanto, em imagens que foram obtidas há cerca de dez anos pode ver-se mais claramente a gravação.

Apesar da erosão da superfície, é possível observar traços mais profundos que outros, não tendo a gravação sido feita com recurso a qualquer régua ou outro elemento que permitisse o alinhamento perfeito dos traços (Fig. 18). Pensamos que terá sido utilizada a percussão indirecta na gravação, mas sem que se comprove um cuidado especial no seu traçado. O tipo de pedra, o granito, material muito comum na zona, favoreceu, de igual modo, um traçado mais deficiente, uma vez que se trata de uma pedra de grão grosso, muito diferente do mármore ou do calcário, mais fáceis de gravar.

Apesar de actualmente esta pedra apresentar uma coloração um pouco mais escura, não significa que se trate de um material estranho no conjunto das pedras utilizadas na construção. Um estudo pormenorizado dos elementos pétreos empregues no templo de Évora foi apresentado em 2000, tendo sido «observados e fotografados todos os tipos de materiais utilizados na sua construção» (Lopes, *et alli*, 2000, p. 131). Nesse trabalho refere-se claramente que as pedras de granito «são rochas muito frequentes na região», pertencendo a «rochas graníticas do Maciço de Évora» (*idem*, p. 132). Assim se comprova que esta pedra não foi, por alguma razão simbólica, colocada no local (Carolino, 1994, p. 91 e 92). Por outro lado, não se pode, igualmente, afirmar que se trata de um arranjo posterior, isto é, que a pedra tenha sido colocada no local por ocasião de obras de restauro, uma vez que o sistema construtivo empregue é o mesmo, não se registando qualquer trabalho de renovação/reparação neste local ou em qualquer outra área do *podium*. Os levantamentos pormenorizados levados a cabo pelo Instituto Arqueológico Alemão nada referem quanto a este aspecto, sendo, aliás, peremptórios na unidade construtiva que o monumento evidencia.

12

Ainda que não seja possível definir uma cronologia, o facto de se encontrar em posição vertical indica que corresponderá a um elemento reaproveitado na construção deste templo. Assim sendo,

este tabuleiro de jogo será anterior à edificação daquele templo romano – inícios do séc. I – ou coevo da sua construção. Seguindo esta última hipótese, pensamos que se deve atribuir a sua realização aos operários que trabalhavam no estaleiro de obra. Esta seria uma forma de passar o tempo no intervalo dos trabalhos.

3 - O jogo do alquerque dos nove (ou «jogo do moinho»)

É comum encontrar na bibliografia sobre a temática dos jogos de tabuleiro, referências à antiguidade do jogo do moinho ou, designação pela qual optamos, do jogo do alquerque dos nove. Amiúde e repetidamente são referidos os testemunhos de gravações deste tipo de tabuleiro no Egipto, no Templo de Kurna; em Atenas, na Acrópole; em Tróia; na Irlanda, num sepulcro da Idade do Bronze ou ainda, e apenas para citar alguns exemplos, na Noruega, num barco viking.

Com efeito, as origens deste jogo são incertas, não existindo qualquer prova irrefutável de quem e quando se operou a sua introdução. As hipóteses actualmente existentes sobre a sua introdução na Europa são, no mínimo, especulativas.

As teorias vigentes atribuem aos povos árabes do Norte de África a sua introdução e respectiva divulgação na Península Ibérica e restante Europa. Outra hipótese largamente referida indica que terão sido os Gregos ou os Fenícios os povos responsáveis pela sua introdução na Europa.

No *Libro del Ajedrez, Dados y Tablas* de Afonso X (trad. Díez de Revenga, 1985, pp. 244-253), observamos uma imagem onde se mostra um tabuleiro de jogo, em posição vertical, com o intuito de o observador conseguir visualizar todos os pormenores do tabuleiro. A este tabuleiro de jogo é dada a designação de «jogo do moinho» que abraça, assim, um conjunto de jogos de tabuleiro cujo objectivo comum é colocar três peças em linha. À sequência destas três peças, numa mesma linha, dá-se o nome de «moinho» ou «três em linha». Como o objectivo deste jogo é o de

colocar as peças em linha numa mesma fila, também é designado por «jogo de alinhamento».

Este jogo surge na tradição portuguesa com a designação de «alguergue», termo parecido com o castelhano no modo de proferir a palavra de origem árabe.

O padre Rafael Bluteau, na obra *Vocabulario Portuguez e Latino*, publicada entre 1712 e 1728, apresenta a definição de *alguergue* e afirma que também se lhe aplica a designação de «algarve» (região sul de Portugal). Apresenta ainda o termo *alguergue* em contexto de lagar de azeite como «huma lagem redonda, sobre que descansão as ceiras, quando dentro dellas a azeitona se esta espremendo. *Saxum super quod olivae calcantur* (Bluteau, vol. 1, p. 251)».

A este jogo são dados, por todo o mundo, variadíssimos nomes: *nine men's; morris, merrills; merrelus; marel, marelles; merrills; mills; muhle; muller, morrel; moreles; morenspel; mylla; mlynek; mylta*.

Um dos grandes problemas que se prende com o estudo destes exemplares é o da cronologia. Por um lado, porque raramente estes elementos surgem em contextos claros, de onde se possa inferir a sua cronologia⁹, por outro, porque este tipo de actividade lúdica tem origens extremamente recuadas e permanece, ao longo dos séculos, sem grandes alterações.

Não pretendemos refutar que este jogo do alquerque dos nove, ou jogo do moinho, seja romano. Muito pelo contrário, o que acabamos de expor indica claramente o oposto. O facto de o presente tabuleiro se encontrar colocado verticalmente numa parede de um edifício do séc. I d.C. demonstra, clara e irrefutavelmente, que este tipo de jogo era praticado nessa época.

O que pretendemos chamar a atenção é para o facto de, na grande maioria dos casos, os exemplos que são dados na historiografia tradicional não serem, em nossa opinião, pertinentes para serem apresentados como prova de que este tipo de tabuleiro era usado nos inícios do Império Romano.

O mesmo seria afirmar que os tabuleiros de jogo que se encontram em monumentos megalíticos, e apresentamos aqui o

exemplo da anta de Vila Nova de Pendilhe, em Portugal, são, também eles, desse período. Igualmente na zona centro de Portugal, foi realizado o levantamento de um outro tabuleiro de jogo semelhante que se encontra gravado na parte superior de uma base de coluna que, estilística e tecnicamente, podemos situar no séc. I d.C. No entanto, essa razão não comprova que o jogo será, igualmente, de época romana.

O mesmo acontece em relação a um enormíssimo número de tabuleiros aos quais, pela simples razão de terem sido gravados em monumentos de cronologia recuada, passou a ser-lhes atribuída também uma igual datação. Autores conceituados, como R. C. Bell, inauguraram, de facto, interpretações que, a nosso ver, são claramente abusivas. Daremos apenas o exemplo de alguns tabuleiros de jogo apresentados por Charlotte Roueché (2007, pp. 100-105) que indica que são de cronologia tardo romana ou bizantinos, pelo simples facto de se encontrarem gravados numa arquitrave dessa época pertencente a um pórtico da antiga cidade de Afrodísias (capital da antiga província da Lídia, na actual Turquia). Como se pode observar, a arquitrave não se encontra *in situ*, mas está derrubada, no chão, o que comprova que os tabuleiros de jogo apenas puderam ser gravados quando o pórtico já não se encontrava em funcionamento (Fig. 19). Não acreditamos, igualmente, que os jogos tenham sido gravados antes da colocação das pedras, isto é, em plena época grega ou romana, uma vez que os tabuleiros ficariam visíveis. A grande diferença em relação ao tabuleiro de Évora é que a finalização da obra implicava o revestimento com argamassa e estuque, ou seja, o tabuleiro ficaria totalmente encoberto.

O facto de se apresentar a cronologia «tardo romana ou bizantina» não nos parece basear-se em qualquer comprovação arqueológica segura. Pensamos que será uma datação genérica que indica que os tabuleiros deverão ter sido feitos após a desagregação do Império Romano.

Num artigo da mesma autora e de R. C. Bell são apresentados múltiplos jogos de tabuleiro em pavimentos greco-romanos (2007, pp. 106-109). Ainda que o intuito de tal trabalho seja o da apresentação de uma tipologia e respectiva terminologia que passe a ser, pro-

gressivamente, universal de modo a unificar as designações, é uma pena que não se faça qualquer estudo dos contextos históricos destes jogos. Com efeito, fornece-se simplesmente a informação de que são tabuleiros greco-romanos, não sendo indicados nem os locais/cidades onde se encontram nem quaisquer contextos funcionais que possibilitariam um sem-número de informações. Quanto a este aspecto, são os próprios autores que afirmam «One of the problems in recording such material is that it is so rarely dateable. The examples here have all been recorded at sites within the confines of the Roman empire, and the majority of them have been found in Greek, Roman or medieval contexts (*idem*, p. 106)».

Actualmente, vários investigadores desta temática têm colocado a tónica precisamente neste aspecto. A grande maioria dos tabuleiros de jogo existentes na cidade de Éfeso, por exemplo, terá sido gravada em época tardo-romana ou bizantina¹⁰ e não na altura da fundação grega da cidade ou da sua ocupação em período romano.

Sobre este mesmo assunto, já por várias vezes nos debruçámos, sobretudo no que respeita à problemática de entender estes tabuleiros como fazendo parte dos signos da época pré-histórica. Com efeito, o facto de os encontrarmos em algumas pedras claramente de cronologia recuada, muito mais que a grega e romana, é uma outra questão de difícil entendimento.

Também sobre ele se manifestaram, desde há muito, vários autores. Em Portugal, já no séc. XIX, Leite de Vasconcelos, célebre investigador, arqueólogo e etnólogo, colocava a tónica nesta problemática.

Este autor, a propósito de umas gravuras existentes num penedo na margem do rio Douro afirma: «[...] se vem debuxadas diversas figuras com cores diversas [...]. Os quadrados em parte se parecem com os do jogo do xadrez, em parte differem, porque nem são tantos, nem de duas cores, nem brancos e negros, mas de uma só cor, que he de hum vermelho escuro, a margem porém em huns he azul, outros a não tem (Vasconcelos, reed. 1981, vol. I, p. 361) (Fig. 20)».

16

Parece um facto que a localização destes jogos coincide com lugares de permanência e de confluência de populações, eviden-

ciando passatempos para tempos de espera ou, simplesmente, causa e efeito de pontos de reunião, reflectindo igualmente um carácter sagrado e religioso que abrange o acto de jogar. Estas circunstâncias levam a considerar uma fronteira muito pouco definida entre o significado mágico e/ou religioso e o simples carácter lúdico.

A grande dificuldade na análise dos tabuleiros de jogo gravados na pedra será sempre a de uma segura atribuição cronológica. É por esta razão que o tabuleiro que se encontra no embasamento do templo romano de Évora é tão relevante, assim como valiosos são quaisquer outros exemplares que surjam em contexto arqueológico seguro. Não podemos deixar de mencionar o aparecimento, também em território nacional, de um fragmento de tijolo romano (*later*) surgido na intervenção arqueológica de Monte da Cegonha (Vidigueira), que apresenta a gravação de uma parte do tabuleiro do alquerque dos nove, feito antes da cozedura do *later*, o que atesta uma cronologia coeva do mesmo. Pelo contexto da intervenção arqueológica, esta cronologia poderá ser atribuída a época alto-imperial¹¹.

Somente exemplares como estes poderão clarificar a origem, tipologia e divulgação dos vários tipos de jogo que vão sendo identificados, pondo de parte primórdios longínquos de difícil comprovação e elaboradas teorias de propagação destas actividades lúdicas que, ao longo de milénios, permanecem no nosso quotidiano.

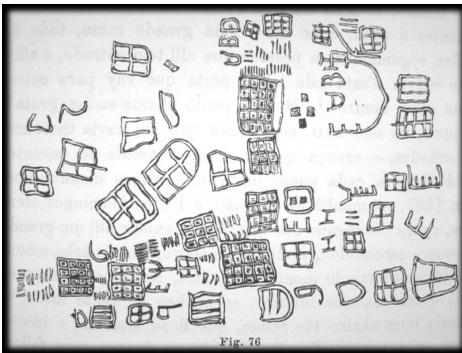


Fig. 20 - Desenho das gravuras existentes num penedo na margem do rio Douro (Vasconcelos, reed. 1981, vol. I, p. 361).

Notas

- ¹ Nas imagens apresentadas é perfeitamente visível o jogo do moinho, o que, actualmente, já não acontece, devido ao acentuado desgaste e erosão do elemento pétreo em que o tabuleiro se encontra gravado.
- ² Tem as seguintes dimensões: 250 x 250 mm.
- ³ Tabuleiro do lado esquerdo: 385 x 90 (dimensões conservadas); tabuleiro do lado direito: 380 x 230 (dimensões conservadas). Ambos incompletos. Agradecemos esta informação ao Dr. José Conde da Câmara Municipal de Évora.
- ⁴ Dimensões (mm) – o jogo inscreve-se numa pedra com as seguintes dimensões: 870 x 380, e o tabuleiro de jogo tem 260 x 255.
- ⁵ Agradecemos a informação da existência deste jogo ao Dr. José Correia da Câmara Municipal de Évora.
- ⁶ Este jogo foi publicado pela primeira vez *in*: Carolino, Luís Miguel, «A gravação das Carreiras – Portalegre – e tradições lúdicas no Alto Alentejo», *Revista Ibn Maruán*, nº 4, 1994, pp. 84-86.
- ⁷ Este tabuleiro tem uma dimensão de 390 x 350 mm, enquanto o jogo menor possui 220 x 210 mm. As bases de jogo distam entre si 250 mm.
- ⁸ Mais recentemente o mesmo autor optou por distinta designação, substituindo a de «arquitectura militar» para «arquitectura em pedra», termo igualmente adoptado pela escola alemã. Sobre estes conceitos, cf. ALVAREZ MARTÍNEZ; NOGALES BASARRATE, 2004, p. 304.
- ⁹ O que raramente acontece e quando tal se verifica é quase sempre em peças que surgem em contexto arqueológico; é o exemplo dos tabuleiros de jogo de Conímbriga (PONTE, 1986, p. 131-141), das peças recolhidas na intervenção arqueológica do Castelo de Alcoutim (CATARINO, 1997/98), em Mértola (MACIAS, 1996, p. 92), ou ainda em Alcácer (CARVALHO; FARIA, 2001, pp. 211-215), apenas para referir alguns exemplos.
- ¹⁰ São estas as conclusões referidas por Ulrich Schädler, director do Musée Suisse du Jeu.
- ¹¹ Agradecemos esta informação aos arqueólogos Conceição Lopes e Rafael Alfenim, responsáveis pela estação arqueológica. Número de inventário da peça: CEG/00/(SUP). O tijolo encontra-se partido, apresentando como dimensões máximas (mm): 160 x 120, a espessura do *later* é de 60. O tabuleiro encontra-se incompleto, apresentando como dimensões máximas conservadas 120 x 85.

Bibliografia

- Catálogo PEDRAS que Jogam – Jogos de Tabuleiro de outras Épocas* (2004) – (coord. Adelaide Carreira, Lídia Fernandes, Edite Alberto). Lisboa, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, 32 p.
- ALARCÃO, Jorge, (1990), «O Reordenamento Territorial», *Nova História de Portugal*, vol. 1, Portugal das Origens à Romanização, Lisboa, Editorial Presença, p. 363.
- CAROLINO, Luís Miguel, «A gravação das Carreiras – Portalegre – e tradições lúdicas no Alto Alentejo», *Revista Ibn Maruán*, nº 4, 1994, pp. 90 e 91.
- BEIRANTE, Maria Ângela Rocha, (1995), *Évora na Idade Média*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- FERNANDES, L. (1997), *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. 4 vols. Dissertação de mestrado em História de Arte.
- FERNANDES, L. (1998), «Capitéis romanos do Museu Nacional de Arqueologia». *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, vol. 16, pp. 221-284.
- FERNANDES, L. (2001) – «Capitéis do Teatro Romano de Lisboa». *Anas – Revista del Museo Nacional de Arte Romano*. Mérida. 14, pp. 29-51.
- FERNANDES, Lídia (2007), Teatro romano de Lisboa – os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Revista Almadan*, Almada, 15, pp. 27- 39.
- FERNANDES, Lídia (2007), «A decoração arquitectónica de época romana do *municipium olisiponense*: a propósito de alguns elementos arquitectónicos da Praça da Figueira (Lisboa)». *O Arqueólogo Português*. IV, 25, Lisboa, pp. 291-336.
- FERNANDES, Lídia; ALBERTO, Edite (2009) - Sobre os jogos gravados em pedra do Distrito de Castelo Branco. In *Revista Açafa On Line*. [Em linha]. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Vale do Tejo, 2, 30 p. Disponível em WWW: (URL:<http://www.altotejo.org>)
- FERNANDES, Lídia; ALBERTO, Edite (2011) - *Tabuleiros de jogo em pedra na cidade de Lisboa*. *O Arqueólogo Português*, Museu Nacional de Arqueologia. Imprensa Nacional, série V, nº 1, p. 739-783.
- FERNANDES, Lídia; SILVA, Jorge Nuno (2011) - Nine Men's Morris in the Roman Temple of Evora (South of Portugal) in XIV th COLLOQUIUM OS BOARD GAMES STUDIES organized by the KHBO Katholieke Hogeschool. Bruges
- GONÇALVES, A. *et alii*, (Junho 1996), «Intervenção Arqueológica no Museu de Évora», *Relatório dos Trabalhos Realizados*, ARKHAIOS.

- GONÇALVES, A. *et alii*, (1998), «Intervenção Arqueológica no Museu de Évora (2ª fase – 1997)», *Relatório dos Trabalhos Realizados*, ARKHAIOS.
- HAUSCHILD, Theodor, (1986), «Investigações efectuadas no templo de Évora em 1986». *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1, I.P.P.C., pp. 93-98
- HAUSCHILD, Theodor, (1994), «Évora. Vorbericht über die Ausgrabungen am Römischen Tempel 1989-1992. Die Konstruktionen (tafel 30-39)». *Madriider Mitteilungen*, 35. Mainz. Pp. 314-335
- HAUSCHILD, Theodor, (1995-1997), «Um capitel jónico romano descoberto no subsolo do Museu de Évora», *O Arqueólogo Português*, série IV, 13/15, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 415-428.
- HAUSCHILD, Theodor, (2001), «Évora. Relatório preliminar sobre as escavações junto ao templo romano, 1989-1992. As construções». *Arqueologia, História da Arte e Património*, Lisboa, Universidade Lusíada Editora, pp. 69-91.
- HAUSCHILD, T. e SARANTOPOULOS, P. (1995-1997), «O tanque de água do templo romano de Évora. Notícia preliminar da intervenção arqueológica de 1996», *O Arqueólogo Português*, série IV, 13/15, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 429-440.
- LOPES, Luís; LOPES, J. Carrilho; CABRAL, J. P.; SARANTOPOULOS, Panagiotis, «Caracterização petrográfica dos monumentos romanos de Évora», *A Cidade de Évora*, II série, nº 4, Évora, 2000, pp. 129-142.
- MACIAS, Santiago, (2005), Mértola. «O último porto do Mediterrâneo». Catálogo da exposição *Mértola. História e Património (Séculos V-XVIII)*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- PEREIRA, Paulo, (2007), *História da Arte Portuguesa*, vol. 1 *Da Pré-História à Arte Islâmica no Ocidente Andaluz*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- PONTE, Salette da, «Jogos romanos de Conímbriga», *Conímbriga*, XXV, 1986, pp. 131-141.
- SARANTOPOULOS, Panagiotis, (1998), *O Templo e as Termas. Dois Edifícios Públicos de Évora Romana. Contributos para uma Recuperação e Valorização Integrada*, dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Universidade de Évora.
- SIMÃO, Inês; BRAZUNA, Sandra, «Evolução urbana na colina central de Évora. Contributo da intervenção arqueológica no museu de Évora», *Apostamentos de Arqueologia e Património – 6/2010* (www.nia-era.org), pp. 75-82.
- TEICHNER, Felix, (1998), «A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa)», *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp. 17-31.